

CRISES E TRANSFORMAÇÕES NAS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO

Matheus Trevizam^a

RESUMO

Neste artigo, desejamos mostrar como a crise e sua transformação se fazem presentes em mais de um nível compositivo das *Geórgicas* de Virgílio. Então, desde a “Invocação aos deuses” descrita no livro I do poema, o jovem Otaviano Augusto é apresentado pelo poeta como esperança de restauro para uma Roma abalada pelas guerras. Mas, no livro IV da obra, a imagem da recuperação das colmeias apresentada por Aristeu “eco” os feitos de Augusto e cumpre essa mesma função transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: crise; transformação; Augusto.

Recebido em: 24/10/17

Aprovado em: 21/02/18

Introdução

A indagação pelo aspecto das “crises” e “transformações”, em um texto como as *Geórgicas*¹ de Virgílio, por força nos leva a constatar que o tema pôde receber tratamento bifurcado na obra intermediária do maior

^a Professor associado de Língua e Literatura latina da Faculdade de Letras da UFMG e do Pós-Lit da FALE-UFMG; membro do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM) da FALE/FAFICH-UFMG.

¹ A fonte do texto latino das *Geórgicas* seguido no artigo correspondeu à edição Les Belles Lettres indicada na bibliografia final (VIRGILE, 1998), com tradução francesa de Eugène de Saint-Denis, introdução, notas e posfácio de Jackie Pigeaud.

poeta de Roma. Referimo-nos, com isso, ao fato de o poema acolher em seus versos assuntos mais de imediato associáveis à proposição didática do texto – ou seja, às técnicas agropecuárias – e outros em relação com todo um entorno sociopolítico coevo, abrangendo, assim, os conflitos bélicos e as disputas pelo poder na política romana de fins do século I a.C.

No tocante à incorporação dos temas em nexos com a história contemporânea à escrita das *Geórgicas*, vale a pena lembrar que a data estabelecida para a publicação do poema corresponde ao ano de 29 a.C., apenas dois anos depois, portanto, da decisiva batalha de Ácio, através da qual Otaviano Augusto, futuro primeiro imperador de Roma, viria a cimentar seu completo domínio sobre a política e as armas pátrias. Esse sucesso bélico de Augusto, ainda, significou o fim das Guerras Civis que vinham abalando a república romana desde seu gradual esfacelamento, já sinalizado pela questão das malogradas reformas dos Gracos, em 133 a.C. (SANT'ANNA, 201) Sintomaticamente, notamos difundida incorporação da figura de Augusto, ou de outras personagens relacionadas com ele, como Júlio César e Mecenas, ao longo dos quatro livros das *Geórgicas*. Trata-se, com efeito, de um reconhecimento do poeta ao importante papel do *princeps* na pacificação de Roma, sem que, por isso, tenhamos de reduzir essa obra a um libelo de propaganda política. Na verdade, a glorificação de Augusto e dos valores que vinha encarnar na sociedade romana corresponde apenas a mais uma das camadas significativas do poema didático em jogo, a qual se articula com outras – como, dissemos, com a parte agropecuária do texto – levando à tessitura de um todo complexo, amiúde desafiador de quaisquer tentativas redutoras dos sentidos.

A figura de Augusto e as esperanças de recuperação para uma Roma esfacelada pelas Guerras Civis

A primeira menção ao *princeps* ocorre com destaque no próêmio do livro I das *Geórgicas*, em que ele surge, como se lembram os leitores da obra – *tuque adeo...* (“e tu, sobretudo”, v. 24) –, como uma 13^a. divindade tutelar, depois da invocação a 12 deuses protetores dos campos e dos camponeses. Nesse surgimento, Augusto é representado como um ente sagrado cujos domínios sobre o Universo ainda não se encontram bem estabelecidos, sendo incerto,

entre outras possibilidades, se haverá de “visitar as cidades e tomar conta das terras” (*urbisne inuisere.../ terrarumque uelis curam*, vv. 25-26), “ser acolhido pelo vasto mundo como autor das colheitas e senhor das estações, coroado nas têmporas com o mirto materno” (*te maximus orbis/ auctorem frugum tempestatumque potentem/ accipiat, cingens materna tempora myrto*, vv. 26-28) ou “tornar-se deus do mar imenso e único objeto de culto para os marinheiros” (*an deus immensi uenias maris ac tua nautae/ numina sola colant*, vv. 29-30).

Independentemente disso, entre os versos 41 e 43, essa mesma personagem histórica é invocada pelo *magister* didático das *Geórgicas* como alguém capaz de “facilitar o caminho e favorecer suas ousadas iniciativas” (*da facilem cursum atque audacibus adnue coeptis*, v. 40), bem como, por “compaixão dos camponeses desorientados” (*ignarosque... miseratus agrestis*, v. 41), de “acorrer e acostumar-se aos apelos com preces” (*ingredere et uotis... adsuesce uocari*, p. 42). Assim se configura, segundo vemos, uma imagem de Augusto ao mesmo tempo como protetor do gesto de compor as *Geórgicas* – algo muitas vezes partilhado, também em contexto proemial, com as Musas – e de um lado prático da vida social romana, vale dizer, a correta condução dos rústicos, em colaboração com o mestre de agricultura dessa obra.

Outro detalhe que contribui para um delineamento peculiar da figura do príncipe nesse trecho do poema diz respeito à menção ao “mirto materno” (v. 28), pois isso evidentemente o vincula à deusa Vênus através de Caio Júlio César, por quem fora adotado; ademais, alude a seu pertencimento à *gens Iulia*. Ora, propondo-se, a partir de certo momento de sua vida, à maneira de um continuador e vingador de César,² Otaviano não deixou de corresponder

² Suetônio, *Vida de Augusto XIII: Inita cum Antonio et Lepido societate Philippense quoque bellum, quamquam inualidus atque aeger, duplici proelio transegit, quorum priore castris exutus uix ad Antoni cornu fuga euaserat. Nec successum uictoriae moderatus est, sed capite Bruti Romam misso, ut statuae Caesaris subiceretur, in splendidissimum quemque captiuum non sine uerborum contumelia saeuit; ut quidem uni suppliciter sepulturam precanti respondisse dicitur iam istam uolucrum fore potestatem.* – “Iniciada a aliança com Antônio e Lépido, terminou com duas batalhas a guerra de Filipos, embora estivesse fraco e doente; na primeira delas, privado do acampamento, mal conseguira livrar-se fugindo para a ala de Antônio. Não abrandou com a aproximação da vitória, mas, enviada a Roma a cabeça de Bruto para que fosse depositada aos pés da estátua de César, dirigiu ofensas a cada um dos cativos mais ilustres, não sem proferir palavras infamantes. Diz-se que ele respondeu a um homem que

publicamente a certa imagem do filho honesto e movido pela *pietas* na retaliação às afrontas contra seu pai, o que contribui para alinhá-lo com o ideário pátrio do *mos maiorum*, segundo o qual cabia demonstrar pleno respeito e veneração aos ancestrais.

Ao fim desse mesmo livro I (vv. 463-492), Virgílio relembra com intensidade certos eventos da história recente de Roma, sobretudo relacionados com o assassinato de Júlio César e com suas espantosas consequências. Então, o poeta enumera ali todo um conjunto de *monstra* – “sinais divinos” –³ que nos indicam ter a natureza reagido de forma convulsionada ao desaparecimento do ditador, através de bizarros prodígios semelhantes ao “encobrimento da brilhante cabeça do sol com uma ferrugem escura” (*caput obscura nitidum ferrugine textit*, v. 467), ao “oferecimento de sinais por cadelas sinistras e aves agourentas” (*obscaenaque canes importunaequae uolucres/ signa dabant*, v. 470-471), à “fervura do Etna em vagas, sobre os campos dos Ciclopes, ao romperem-se suas fornalhas” (*Cyclopum effèruere in agros/ uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam*, vv. 471-472) e ao “tremor inusitado dos Alpes” (*insolitis tremuerunt motibus Alpes*, v. 475). Por outro lado, esses fenômenos ainda se acompanham, na descrição de Virgílio, de outros que poderíamos atribuir ao âmbito do francamente sobrenatural, pois parecem não existir explicações racionais para o fato, como diz, de “a Germânia ter ouvido o barulho das armas

lhe pedia humildemente ao menos uma sepultura: ‘em breve, os pássaros vão encarregar-se disso” (Trad. Matheus Trevizam e P. S. Vasconcellos).

³ TREVIZAM, 2014, p. 196: “O registro (e a crença) em prodígios é um traço característico da cultura romana desde tempos muito recuados até fins do período imperial. No conhecido *Liber prodigiorum* de Iulius Obsequens, autor obscuro de meados do século IV d.C., registram-se eventos extraordinários/*monstra* em específica correlação com o patentear-se da vontade divina aos homens: chuvas de terra e sangue sobre a Campânia e o território de Preneste (LXXI: consulado de M. Marcelo e P. Sulpício), o nascimento de um hermafrodita na cidade de Luna (LXXXI: consulado de L. Metelo e Q. Fábio Máximo) e a emissão de chamas abundantes do monte Etna (LXXXII: consulado de Cn. Cepião e C. Lélio) exemplificam, portanto, alguns ‘fatos’ tomados por esse compilador para testemunhar o ‘envio de mensagens’ dos entes supremos a comunidades nem sempre quites em suas obrigações para com o sagrado. No caso supracitado de Luna, observamos, vincula-se no relato de *Iulius* o *monstrum* da criança de sexo ambíguo com os males da peste na própria localidade de seu nascimento e, talvez, com sérios revezes para o exército romano, na Macedônia e contra Viriato”.

em todo o céu” (*Armorum sonitum toto Germania caelol’ audivit*, vv. 474-475), ou de “o triste marfim [de estátuas divinas] ter chorado nos templos, e os bronzes terem suado” (*maestum illacrimat templis ebur aeraque sudant*, v. 480).

Em que pesem todas as convulsões observáveis no mundo como resultado do “sinistro” assassinato de César, não foi vetado aos deuses permitir a renovação do combate entre os próprios romanos em Filipos,⁴ de acordo com os dizeres de Virgílio em vv. 489-490. Ora, a batalha de Filipos ocorreu em 42 a.C., entre os partidários do cesarismo (Otaviano e Marco Antônio), e depois da morte dessa figura política, e seus detratores republicanos (Marco Júnio Bruto e Caio Cássio Longino). Com a vitória dos “cesaristas”, Augusto pôde, inclusive, prometer um templo a Marte Vingador na cidade de Roma, seguindo claramente um gesto de *pietas* filial (LE GLAY *et alii*, 2009, p. 160).

É ainda a esse *pious Augustus* que o foco do poema se volta a partir de v. 498 do livro I das *Geórgicas*, pois nesse trecho, na verdade, o eu poético roga aos “deuses pátrios” (*dii patrii*, v. 498), aos “indígetes” (*Indigetes*, v. 498), a “Rômulo” (*Romule*, v. 498) e à “mãe Vesta” (*Vestaque mater*, v. 498) que o preservem, permitindo-lhe “socorrer uma geração abatida” (*euerso... succurrere saeclo*, v. 500). Nesse contexto, é evidente que as causas do “abatimento” dos homens contemporâneos a Virgílio não se atribuem a um desequilíbrio qualquer, mas sim ao flagelo das Guerras Civis renovadas, inclusive, devido a Filipos: em vv. 501-502, o poeta refere claramente “já, há muito, terem

⁴ Cf. comentário de R. D. Williams (VIRGIL, 2001, p. 155): “The reference in *iterum* is to the battle of *Pharsalia*, also in northern Greece but some distance from Philippi, between Pompey and Caesar. There has been much controversy about the precise meaning of this line because Philippi is not the same as *Pharsalia*, and there has been suggestions that Virgil is referring to two separate battles at Philippi (twenty days apart), or that his geography is confused; but *iterum* need not be interpreted so narrowly – Virgil is saying that the now-familiar catastrophe of civil war occurred yet again, this time at Philippi”. – “A referência em *iterum* é à batalha de Farsália, também no norte da Grécia, mas a alguma distância de Filipos, entre Pompeu e César. Tem havido muita controvérsia sobre o significado preciso deste verso porque Filipos não é o mesmo que Farsália, e tem havido sugestões de que Virgílio está se referindo a duas batalhas diferentes em Filipos (com vinte dias de intervalo), ou de que sua geografia é confusa; mas *iterum* não precisa ser interpretado tão ao pé da letra – Virgílio está dizendo que a então familiar catástrofe da guerra civil aconteceu uma vez mais, desta feita em Filipos” (Trad. Matheus Trevizam).

[os romanos] lavado, *com seu sangue*, os perjúrios da Troia de Laomedonte”⁵ (*iam pridem sanguine nostros/ Laomedonteaе luimus periuria Troiae*); também se fala, na sequência, haver “tantas guerras pelo mundo, tantas faces de crimes, [mas] nenhuma honra digna do arado” (*tot bela per orbem/ tam multae scelerum facies; non ullus aratro/ dignus honos* vv. 505-507), fazendo com que “os campos se dessequem, tomados os cultivadores, e as foices curvas sejam fundidas em espadas duras” (*squalent abductis arua colonis/ et curvae rigidum falces conflantur in ense*, v. 507-508). Dessa maneira, o “jovem” aludido em v. 500, ninguém menos que Otaviano Augusto, é cogitado pelo poeta como uma força contrária e potencialmente capaz de fazer frente a tantos males de sua época, favorecendo a paz representada pela agricultura e pondo bridas em “ímpio Marte” (*Mars impius*, v. 511).

Pode-se dizer que é no livro I das *Geórgicas* que Augusto recebe tratamento mais afinado com a figura de um pacificador: com efeito, no livro II essa personagem é citada apenas uma vez, contudo em contexto laudatório de óbvia promoção da Itália por conta da bravura (bélica) de seus filhos.⁶ Trata-se

⁵ GRIMAL, 1963, p. 251-252: “Laomédon, l’un des premiers rois de Troie, est fils d’Ilos et d’Eurydicé. Il eut plusieurs enfants, parmi lesquels Priam, nommé d’abord Podarcès, et Hésioné. Les traditions varient sur le nom de sa femme: Strymò (Strymon), Rhoco, Placia, Thoosa, Leucippé, Zeuxippé. Il succéda à son père Ilos sur le trône de Troie. C’est lui qui fit construire les murs de la citadelle, et, pour cela, eut recours à deux divinités, Apollon et Poséidon, qui furent aidées, dit-on, par un mortel, Eaque. La légende de Laomédon est l’histoire de ses parjures. Il refusa de payer aux divinités qu’il avait employées le salaire convenu. Ce qui attira sur le pays toutes sortes de calamités”. – “Laomedonte, um dos primeiros reis de Troia, é filho de Ilos e de Eurídice. Teve numerosos filhos, entre os quais Príamo, chamado primeiro Podarces e Hesioneu. As tradições variam sobre o nome de sua esposa: Estrimò (Estrimon), Roco, Plácia, Toosa, Leuceipe, Zeuceipe. Sucedeu a seu pai, Ilos, no trono de Troia. Foi ele que construiu os muros da cidadela e, para isso, recorreu a duas divindades, Apolo e Posídon, que foram ajudadas, diz-se, por um mortal, Éaco. A lenda de Laomedonte é a história de seus perjúrios. Recusou-se a pagar às divindades de que se tinha servido o salário acordado. Isso atraiu sobre o país todo tipo de calamidade” (Trad. Matheus Trevizam).

⁶ Em *Geórgicas* II, 173, a Itália é chamada de *Saturnia Tellus*. Curiosamente, de acordo com as concepções de Virgílio a respeito da “Idade Áurea” dos antigos romanos (o reinado de Saturno), ela em princípio deveria alhear-se aos males da guerra. Então, em II, 538 – já na digressão das *Laudes ruris*, portanto –, o poeta associa a vida atual dos camponeses da Península àquele tempo dourado, contudo enfatizando que os afortunados homens que nele viveram “ainda não tinham ouvido a trombeta ser soprada,/ ainda não crepitarem espadas

de v. 170, em um entorno no qual, depois de elogiar vários bens naturais ou culturais da Península Itálica – vigor das oliveiras e rebanhos (*tenent oleae armentaque laeta*, v. 144), doçura do clima “eternamente primaveril” (*hic uer adsiduom*, v. 149), fertilidade “dobrada” de outros tipos de árvores (*bis pomis utilis arbos*, v. 150), suposta ausência de serpentes peçonhentas no país (*nec rapit immensos orbis per humum.../ squameus anguis*, vv. 153-154), presença de “muitas cidades notáveis” (*tot egregias urbes*, v. 155), o “porto e os diques juntados ao [lago] Lucrino” (*portus Lucrinoque addita claustra*, v. 161) etc. –, Virgílio se concentra no louvor da pátria por ter gerado uma “raça dura de homens”, os “marsos” (*Marsos*, v. 167), o “lígure acostumado a sofrer” (*assuetumque malo Ligurem*, v. 168), os “Décios” (*Decios*, v. 169), os “Mários” (*Marios*, v. 169), os “grandes Camilos” (*magnosque Camillos*, v. 169) os “Cipiões duros na guerra” (*Scipiadas duros bello*, v. 170) e “César, o maior” (*te, maxime Caesar*, v. 170), esse último diretamente interpelado em segunda pessoa.

No livro III, ainda, a mesma personagem histórica de líder é citada por três vezes no mais longo proêmio do texto, em v. 16, v. 47 e v. 48. Em v. 16, trata-se de uma homenagem a Augusto, na medida em que Virgílio diz “haver César de ficar no meio e dominar o templo” (*in medio mihi Caesar erit templumque tenebit*, v. 16). Esse “templo”, descrito na sequência como um edifício que possui muitas decorações bélicas, sobretudo nas portas de “ouro e marfim maciço” (*ex auro solidoque elephanto*, v. 26), a exemplo dos entalhes das “batalhas dos hindus” (*pugnam.../ Gangaridum*, vv. 26-27), do “Nilo agitado pelos navios de guerra” (*undantem bello.../ Nilum*, vv. 28-29) e das “cidades dominadas da Ásia” (*urbes Asiae domitas*, v. 30), sem omitirmos a estatuária em forte nexos com o passado lendário de Roma (*Trosque parens* – “pai Tros” – v. 36), tem tradicionalmente sido interpretado como uma alusão à futura escrita da *Eneida*, de acordo com usos metafóricos que parecem remontar a Píndaro.⁷

sobrepostas a duras bigornas” (*necdum etiam audierant inflari classica, necdum/ impositos duris crepitare incudibus ensis*, vv. 539-540). Essa estranha divisão de vozes ao longo do poema em jogo, bem como várias “mentiras” (ROSS, 1987, p. 118) ou hipóboles presentes ao descrever-se a Itália nas *Laudes* do país, em *Geórgicas* II, levaram os críticos, por vezes, até a cogitar o tratamento irônico dela e de seus habitantes na mesma digressão.

⁷ WILKINSON, 1997, p. 168: “The symbolism of the temple and its adornment that follows is remarkable: it was not common in Antiquity to visualize poetry in terms of architecture and sculpture. But it was quite common in Píndar: ‘Raising upon golden pillars the fair-walled

Em vv. 47-48, por sinal, Virgílio explica que deixa os assuntos vinculados à guerra para outro momento, pois no presente, como convém a um poeta didático empenhado em pronunciar-se a respeito de tópicos pecuários, no livro III das *Geórgicas*, necessita ocupar-se dos “bosques e clareiras intocados das Dríades” (*Dryadum silvas saltusque.../ intactos*, vv. 40-41). Um dia, porém, ele “se preparará para cantar as lutas ardentes de César” (*ardentis accingar dicere pugnās/ Caesaris*, vv. 46-47) e para “projetar seu renome, com a fama, por tantos anos quantos dista César da origem primeira de Titono” (*et nomen fama tot ferre per anos,/ Tithoni prima quot abest ab origine Caesar*, vv. 47-48),⁸ em um gesto que se delineia mais claramente, neste ponto, com o sentido de algo vinculado à posterior feitura de uma obra laudatória em homenagem ao *princeps*.

A derradeira menção a Otaviano surge em *Geórgicas* IV, 560, no próprio “selo” *sp̄ragis* de fecho do poema. Nesse caso, trata-se de contrapor a atividade bélica do *princeps*, no mundo externo (*Caesar dum magnus ad altum/ fulminat Euphraten bello* – “enquanto o grande César fulmina com a guerra junto ao fundo Eufrates”, vv. 560-561), ao *otium* compositivo do próprio autor das *Geórgicas* (*haec super aruorum cultu pecorumque canebam/ et super arboribus* – “essas coisas sobre o cuidado dos campos e dos animais eu cantava,/ e sobre as árvores”, vv. 559-560), como se uma realidade não apenas contrabalançasse a outra, mas, ainda, os esforços de Augusto por rechaçar os inimigos de Roma favorecessem, inclusive, o desenvolvimento das artes em solo pátrio.

porch of our chamber, we shall construct, as it were, a splendid hall, and to begin our work we must set up a front that will shine afar’. ‘There has been built in Apollo’s valley for the prosperous Emmenidae and for Xenocrates a Pythian victor’s treasure-house of song... And the front shall proclaim in pure brightness... a famous victory won with the chariot in the vale of Crisa’”. – “O simbolismo do templo e de sua ornamentação, que se segue, é notável: não foi comum, na Antiguidade, visualizar a poesia em termos de arquitetura e de escultura. Mas foi muito comum em Píndaro: ‘Erigindo sobre pilares de ouro o alpendre com belas paredes de nosso aposento, construiremos, por assim dizer, um esplêndido salão; e, para começar nossa obra, devemos levantar uma fachada que resplandecerá de longe’. ‘Edificou-se no vale de Apolo, para os prósperos Emênidas e para Xenócrates, um tesouro musical do pítico vencedor... E sua fachada anunciará, em puro brilho... uma vitória famosa, obtida pela carruagem no vale de Crisa’” (Trad. Matheus Trevizam).

⁸ Titono era filho do troiano Ilo, sendo Anquises neto do irmão de Ilo, Assáraco (VIRGIL, 2001, p. 180-181).

No todo, a imagem associável ao príncipe ao longo do poema, apesar de fortemente vinculada a temas de guerra, sobretudo a partir do livro II, como vimos, não resulta prejudicada ou contraditória com o anseio geral pela paz em um texto no qual, por vezes, a placidez da agricultura se mostra como inimiga da belicosidade.⁹ Isso porque, pensamos, descartado o pequeno ruído do entorno de *Geórgicas* II, 170 – no qual *todos* os itálicos, povos ou indivíduos, e mesmo César, são perigosamente definidos como “raça dura/combativa de homens” (*genus acre uirum*, v. 167) –, a belicosidade do soberano não assume, em geral, significados de sanha destrutiva contra os compatriotas ou de fomento das discórdias civis.¹⁰

Momentos de crise em *Geórgicas* III e IV e Aristeu como imagem de recuperação da comunidade cívica

Quando nos voltamos ao fundo propriamente agrícola do poema, nota-se sem dúvida que os dois episódios de maior crise em seus versos se encontram nos livros III e IV. Quanto ao livro III, cujos conteúdos relembramos há pouco ao dizer que ele se vincula à abordagem de “assuntos pecuários”, talvez não seja inútil esclarecer-lhe a subdivisão entre, na verdade, duas partes complementares. Assim, de v. 49 a v. 285, Virgílio se ocupa de preceituar a respeito dos animais de grande porte (cavalos e bovinos); em v. 295 *sqq.*, depois de um

⁹ Cf. *supra* nota 6 e *Geórgicas* II, 538-540 (representação da Era de Saturno como um tempo agrícola e pacífico).

¹⁰ Mesmo a representação da batalha de Ácio, na *Eneida* (escudo de Eneias), assume conotações de uma luta *externa* de Augusto e dos deuses de Roma (contra o Egito). Cf. HARDIE (2001, p. 98): “The Virgilian battle is between two quite separate races of gods, the Roman Olympians and the alien Egyptian divinities, monstrous and non-anthropomorphic (*Aen.* 8.698): *omnigenumque deum monstra et latrator Anubis*. Further, it is reasonable to assume that the celestial struggle concerns not merely the future dominance of Roman or barbarian, but also the balance of power in heaven itself; the defeat of the Egyptian gods relegates the Egyptian pantheon to obscurity”. – “A batalha virgiliana é entre duas raças de deuses bem diferentes, os habitantes romanos do Olimpo e as divindades egípcias estrangeiras, monstruosas e não antropomórficas (*Aen.* 8.698): *omnigenumque deum monstra et latrator Anubis*. Além disso, é razoável assumir que a luta celestial diz respeito não só à futura dominância romana ou bárbara, mas ainda ao equilíbrio de poder no próprio firmamento; a derrota dos deuses egípcios relega o panteão egípcio à obscuridade” (Trad. Matheus Trevizam).

“segundo proêmio” que se presta a repartir os temas do livro, inicia-se a porção destinada a cobrir o tratamento didático dos rebanhos de animais de pequeno porte (ovelhas e caprinos).

Seja como for, assuntos focalizados na primeira parte desse livro continuam a desenvolver-se, ou mesmo a ganhar importância na segunda. Tal é o caso do tema das doenças e dos cuidados de saúde indispensáveis para bem manejar os plantéis do dono das terras em Roma antiga, como o vemos, por exemplo, em vv. 138-142 e, depois, em vv. 441-451:

“De novo o cuidado dos pais começa a ceder e o das mães a sobrevir. Quando, decorridos os meses, [as vacas] vagam grávidas, ninguém tolere que elas conduzam jugos com carros pesados, nem que atravessem um caminho saltando, percorram a planície em fuga impetuosa e atravessem a nado rios violentos”.¹¹

“A sarna vergonhosa ataca as ovelhas quando a chuva fria e o inverno rigoroso, com o branco gelo, penetraram mais fundo até a carne, ou quando o suor não lavado aderiu às toçadas e espinheiros pontudos dilaceraram os corpos. Por isso os pastores submergem todo o rebanho em cursos d’água-doce, o carneiro de velos úmidos é mergulhado num lago e, solto, desliza no rio corrente; ou tocam o corpo toçado com a *amurca* acerba, misturam espumas de prata e enxofre vivo, pez do Ida e ceras viscosas, cebolas-albarrás, heléboros fortes e o negro betume”.¹²

¹¹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 138-142: *Rursus cura patrum cadere et succedere matrum/ incipit. Exactis grauidae cum mensibus errant,/ non illas grauibus quisquam iuga ducere plaustris,/ non saltu superare uiam sit passus et acril/ carpere prata fuga fluuiosque innare rapacis* (Trad. Matheus Trevizam).

¹² VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 441-451: *Turpis ouis temptat scabies, ubi frigidus imber/ altius ad uiuom persedit et horrida canol/ bruma gelu, uel cum tonsis inlotus adhaesit/ sudor et hirsuti secuerunt corpora uepres./ Dulcibus idcirco fluuiis pecus omne magistril/ perfundunt udisque aries in gurgite uillis/ mersatur missusque secundo defluit amni,/ aut tonsum tristi contingunt corpus amurcal/ et spumas miscent argenti uiuaque sulphural/ Idaeasque pices et pinguis unguine ceras/ scillamque elleborosque grauis nigrumque bitumen* (Trad. Matheus Trevizam).

Esse polo temático de teor veterinário se apresenta com grande destaque a partir de v. 474 para o fim do livro III, com efeito, pois o trecho se identifica com a abordagem da Peste Nórica, um tipo de doença inicialmente manifestada nos rebanhos daquela região transalpina, segundo o poeta. Como explica Virgílio, a Peste ter-se-ia desencadeado entre os nóricos devido a uma espécie de “desarranjo do clima” (*morbo caeli*, v. 478), logo resultando, para os animais infectados, em sintomas como “grande emagrecimento” (*miseros adduxerat artus*, v. 483), em “extravasamento de humores” (*abundabat fluidus liquor*, v. 484) e no gradual “dissolução dos ossos” (*in se ossa minutatim morbo conlapsa trahebat*, vv. 484-485).

A Peste, ademais, ocasionava a súbita morte de reses, mesmo “em meio aos sacrifícios aos deuses” (*in honore deum medio*, v. 486) e enquanto os bois trabalhavam ao arado (vv. 515-530). Com o recrudescimento do mal, por sua vez, vinham terríveis sintomas como o “sangramento pelas narinas” (*it naribus ater/ sanguis*, vv. 507-508), a “aspereza da língua” (*aspera lingua*, v. 508) e o “dilaceramento dos próprios membros só com os dentes” (*nudis laniabant dentibus artus*, v. 514). Além desse agravamento da Peste sobre cada corpo atingido pelo contágio, o mais terrível é que, conforme a narrativa virgiliana progride, descobrimos não se restringir a doença à vitimização de animais domésticos:

Já a prole do mar imenso e todo tipo de ser nadante ao fim da praia, como corpos naufragados, a onda arrojá; focas insólitas fogem para os rios. Morre também a víbora em vão protegida em tocas sinuosas e as hidras espantadas, de arrepiadas escamas. O ar não é saudável para as próprias aves, e elas, tombando, deixam a vida sob a nuvem alta.¹⁴

Pois não havia utilidade para as peles, nem pode alguém destruir as vísceras com água ou vencer com as chamas; sequer podem tosar os velos corroídos pela doença e sujeira, nem tocar nas podres lãs; ainda, na verdade, se alguém provara os mantos

¹³ VIRGILIO, *Geórgicas* III, 541-547: *Iam maris immensi prolem et genus omne natantum/ litore in extremo, ceu naufraga corpora, fluctus/ proluit; insolitae fugiunt in flumina phocae./ Interit et curuis frustra defensa latebris/ uipera et attoniti squamis adstantibus hydri./ Ipsi est aer auibis non aequos et illae/ praecipites alta uitam sub nube relinquunt* (Trad. Matheus Trevizam).

odiosos, pápulas inflamadas e um suor imundo atacavam os membros fétidos, e pouco tempo depois o ‘fogo sagrado’ devorava o corpo infectado.¹⁴

O quadro de geral aniquilação da vida em meio a terríveis sofrimentos, no *Noricum*, acrescido da completa falta de recursos médicos para o cuidado aos doentes (III, 549-550), configura o relato desse episódio de Peste como uma das mais graves crises no interior do plano agrário das *Geórgicas*. Nesse mesmo nível de significação do texto, no entanto, outra grande perturbação se estabelece no livro IV do poema: referimo-nos à, inicialmente, misteriosa perda do enxame de abelhas de Aristeu, como descrito em vv. 317-320.

Ocorre que essa personagem, sendo filho do deus Apolo e da ninfa Cirene, que habitava sob o rio Peneu, viu um dia suas colmeias reduzidas ao aniquilamento sem poder descobrir, por si, o motivo. Ele foi, assim, ao palácio subaquático da mãe, onde ela o direcionou para uma consulta a Proteu, divindade dotada dos dons da onisciência e da metamorfose absoluta (v. 387 *sqq.*). Depois das pressões de Aristeu sobre esse esquivo deus, Proteu enfim lhe revela que a causa da morte de todas as suas abelhas fora uma espécie de retribuição maligna dos *manes* de Orfeu e Eurídice, pois o filho de Apolo, certo dia, perseguira essa mulher pelos campos ao inflamar-se de desejo (v. 457); disso resultou a morte dela, ao pisar durante a fuga sobre uma serpente, a tentativa malograda de Orfeu de resgatá-la dos Infernos¹⁵ e, enfim, o desmembramento de seu marido nas mãos das Bacantes trácias (vv. 520-522).

¹⁴ VIRGILIO, *Geórgicas* III, 559-566: *Nam neque erat coriis usus nec uiscera quisquam/ aut undis abolere potest aut uincere flamma;/ ne tondere quidem morbo inluuieque peresa/ uellera nec telas possunt attingere putris:/ uerum etiam, inuisos si quis temptarat amictus,/ ardentes papulae atque immundus olentia sudor/ membra sequebatur, nec longo deinde moranti/ tempore contactos artus sacer ignis edebat* (Trad. Matheus Trevizam).

¹⁵ Esse fim “trágico” concedido a Orfeu e Eurídice não corresponde a algo universalmente aceite entre os poetas antigos. M. Owen Lee (1996, p. 4-12) percorre vários autores da Antiguidade – Íbico, Eurípedes (*Alceste*), Platão (*Banquete*), Sócrates, Palefato, Hermesíanax, Mosco de Siracusa (*Lamento por Bion*) e Diodoro Sículo (*Bibliotheca historica*) – visando a demonstrar que, em muitos deles, Orfeu sequer tinha uma esposa. Além disso, pareceu prevalecer em outros autores, quando a tinha, a ideia da feliz união do casal após seu resgate bem-sucedido nos Infernos.

De volta às profundezas do rio Peneu, na Tessália, e dono dessas informações, Aristeu é então instruído pela mãe a realizar uma espécie de rito expiatório em um bosque, no qual tombarão vários touros, novilhas e mesmo uma “ovelha negra” (*nigram... ouem*, v. 546) em honra dos defuntos lesados, sem se esquecer o sacrificante de ofertar “papoulas do Letes” (*Lethaea papauera*, v. 545), especificamente, para Orfeu. Como resultado dessa tentativa de reparação de seu erro, Aristeu vê-se recompensado e, de novo, “brotam” fartos enxames de abelhas da carcaça dos animais que sacrificara ritualmente:

“Então observam um prodígio de fato repentino e maravilhoso de se contar, pelas vísceras liquefeitas dos bois as abelhas a ressoarem no ventre inteiro e fervilhar das costelas em ruínas; e nuvens imensas serem arrastadas e agora confluir para o topo da árvore, deixando cair um cacho dos ramos flexíveis”.¹⁶

Podemos dizer, com base no trecho que acabamos de citar, que, diversamente dos nóricos, Aristeu, herói-descobridor e modelo do apicultor e *agricola* no mundo antigo, consegue restabelecer a harmonia perdida, através de um caminho evidentemente pautado pela reconciliação com a *pax deorum*.¹⁷ Tal reconciliação, ainda, concretizada no relato vinculado a essa

¹⁶ VIRGILIO, *Geórgicas* IV, 554-558: *Hic uero subitum ac dictu mirabile monstrum/ adspiciunt, liquefacta boum per uiscera totol stridere apes utero et ruptis efferuere costis,/ immensasque trahi nubes, iamque arbore summal confluere et lentis uuam demittere ramis* (Trad. Matheus Trevizam).

¹⁷ CONTE, 1984, p. 46-47: “Aristeu nella rappresentazione virgiliana è l’eroe più completo del regno georgico (...), detiene tutti gli attributi significativi delle arti agricole (...). Colpito dalla disgrazia, egli cerca le cause del male e si lascia istruire a trovare il rimedio. Con fiducia ossequente eseguirà la sua prova; avvertito, trova nella tenacia l’arma più efficace per non desistere, e potrà apprendere da Proteo l’origine dei propri mali e da sua madre l’ingiunzione divina di un rituale da praticare senza deroga (...). Tenacia e ossequio scrupoloso agli ordini divini gli ottengono il successo”. – “Aristeu, na representação virgiliana, é o herói mais completo do reino geórgico (...), detém todos os atributos das artes agrícolas (...). Atingido pela desdita, busca as causas do mal e se deixa instruir para encontrar a solução. Com obediente confiança, cumprirá sua prova; advertido, encontra na tenacidade a arma mais eficaz para não desistir, e poderá aprender de Proteu a origem de seus males e, de sua mãe, as injunções divinas de um ritual a ser praticado sem demora (...). Tenacidade e obediência escrupulosa às ordens divinas obtêm-lhe o sucesso” (Trad. Matheus Trevizam).

personagem como uma volta dos enxames de abelhas um dia aniquilados por sua culpa, insere-se no contexto do rito da *bugonia*, o qual, como antes descrito em *Geórgicas* IV, 307-310, já envolvia concretamente a ideia de uma positiva transformação, com a passagem de meras larvas geradas do cadáver putrefato de um novilho – “primeiro sem pés” (*trunca pedum primo*, v. 310) – para o estado de seres completos que “ressoam com asas” (*stridentia pinnis*, v. 310).

Então, assim como a intervenção de Augusto no seio de uma comunidade – Roma –, degradada em meio a crimes e fratricídios, acaba por constituir, no poema didático em pauta, forte esperança de transformação da crise em algo mais uma vez evocativo da “placidez” dos tempos dos *maiores populi Romani*, o reconhecimento do próprio erro e o gesto expiatório por parte de Aristeu significam não apenas a volta de seu honesto modo de vida à normalidade, mas ainda o restauro concreto de um grupo animal – *quirites*, v. 201 –, até certo ponto,¹⁸ aproximável dos romanos por Virgílio:

“O mito de Aristeu não é só o final para um grande poema didático, mas ainda uma alegoria para Otaviano e Antônio, cuja luta pelo poder alcançou seu ápice em setembro de 31 a.C.; Virgílio acabou as *Geórgicas* dois anos depois. A narrativa é uma referência funcional a Otaviano (o apicultor) e a seus adversários Antônio e Cleópatra, talvez também a Sexto Pompeu. A história oscila, por assim dizer, entre Aristeu que nos lembra de Otaviano e o mesmo Aristeu que é Antônio. No fim da história, Otaviano-Aristeu é o vencedor da luta pelo poder quando assume controle sobre as abelhas, ou seja, o Estado romano. (...) A história oscila entre, de um lado, o senso de dever de Otaviano para restaurar a ordem e trazer a paz e, de outro, a aliança destrutiva entre Antônio e Cleópatra”.¹⁹

¹⁸ DALZELL, 1996, p. 123: “The bees of the *Georgics* have some very un-Roman characteristics: they are sexless, for example, and they prostrate themselves before their kings like oriental courtiers”. – “As abelhas das *Geórgicas* possuem certas características um tanto antirromanas: elas são, por exemplo, assexuadas, e prostram-se diante de seus reis como cortesãos orientais” (Trad. Matheus Trevizam).

¹⁹ WEEDA, 2015, p. 98: “The myth of Aristaeus is not just the end to a great didactic poem,

Os elementos de um e outro mundo restaurados idealmente partilhariam, segundo as concepções de Virgílio, certos valores construtivos como o gosto pelos trabalhos do campo (II, 513 e IV, 159), o empenho na defesa da comunidade (II, 514-515 e IV, 165) e o respeito às normas estabelecidas para a vida em comum (II, 532-533 e IV, 158), conforme podemos notar ao compararmos os modestos *agricolae* romanos de fins de *Geórgicas* II (excurso das *Laudes ruris*) e as laboriosas abelhas do livro IV. Mas isso não significa, em absoluto, que tais coletividades (sejam elas assimiláveis aos romanos, sejam às colmeias...) tenham sempre estado livres de pontos de estremecimento em sua trajetória, como nos comprovam, na obra em jogo, as Guerras Cívicas romanas, o destempero passional de Aristeu e o próprio combate entre os líderes das abelhas (IV, 67-87).

Conclusão

Tais análises do tema das crises e transformações em uma obra como as *Geórgicas* podem mostrar-nos que Virgílio parece entender as fases de difícil travessia como algo contornável, caso se ponham os seres e seus líderes de novo no caminho ciosamente traçado pelos usos dos *maiores*. Nesse sentido, resultam igualmente transformadoras de crises a *pietas* de Augusto, defensor de seu pai assassinado e gradual pacificador de Roma, e aquela de Aristeu, guardador de todo um estilo de vida agrícola e, um dia, respeitoso dos elos entre o sagrado e o humano.

Por fim, não podemos deixar de notar, apesar das eventuais diferenças entre as colmeias de Aristeu e Roma,²⁰ bem como entre o guerreiro Otaviano

but also an allegory for Octavian and Antony, whose struggle for power had reached its height in September 31 B.C.; Vergil finished the *Georgics* two years later. The narrative is a functional reference to Octavian (the beekeeper), and to his adversaries Antony and Cleopatra, and perhaps also to Sextus Pompeius. The story oscillates, as it were, between Aristaeus who reminds us of Octavian and the same Aristaeus who is Antony. At the end of the story 'Octavian-Aristaeus' is the winner of the struggle for power when he assumes control over the bees, that is, the Roman state'. [...]. The story oscillates between, on the one hand, the sense of duty of Octavian to restore order and bring peace and, on the other hand, the destructive alliance of Antony and Cleopatra" (Trad. Matheus Trevizam).

²⁰ Cf. *supra* nota 18.

Augusto e o camponês Aristeu, que a estrutura das *Geórgicas* parece muito bem construída inclusive por ter esse poema começado e acabado como o fez. Referimo-nos aqui, evidentemente, a configurar-se uma espécie de *ring composition* (“estrutura em anel”) no fato de as esperanças de recuperar Roma pela figura de Augusto, moldado com esse papel desde a invocação divina de inícios do livro I (v. 24 *sqq.*), encontrarem eco e “bom termo” na imagem do renascimento das abelhas por Aristeu, em fins de *Geórgicas* IV (vv. 554-558). Tal renascimento, ademais, ocorre com fortes tons simbólicos, de forma a produzir-se, através do processo da *bugonia*, vida renovada do sangue corrompido e de uma podridão cadavérica que parecia irreversível.

Referências

- CONTE, Gian Biagio. Aristeo, Orfeo e le “Georgiche”: struttura narrativa e funzione didascalica di un mito. In: CONTE, G. B. *Virgilio: il genere e i suoi confini*. Milano: Garzanti, 1984, p. 43-53.
- DALZELL, Alexander. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1996.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- HARDIE, Philip. *Virgil’s “Aeneid”: Cosmos and Imperium*. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- LEE, M. Owen. *Virgil as Orpheus: a study of the “Georgics”*. Albany: State University of New York Press, 1996.
- LE GLAY, Marcel. *et alii. A history of Rome*. Hoboken, N.J.: Wiley-Blackwell, 2009.
- ROSS JR., David O. *Virgil’s elements: physics and poetry in the “Georgics”*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987.
- SANT’ANNA, Henrique Modanez. *História da República Romana*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SUETÔNIO; AUGUSTO. *A vida e os feitos do divino Augusto*. Trad. Matheus Trevizam, P. S. de Vasconcellos e A. M. de Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TREVIZAM, Matheus. Mal e violência nas “Geórgicas” de Virgílio. In: OLIVEIRA, F. de; SILVA, M. F.; BARBOSA, T. V. R. *Violência e transgressão: uma trajetória da humanidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014, p. 189-229.

VIRGIL. *Georgics*. With a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2003.

VIRGIL. *The Eclogues & Georgics*. Edited with introduction and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 2001.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et trad. par Eugène de Saint-Denis, introduction, notes et postface par Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

VIRGÍLIO. *Geórgicas I*. Trad. M. Trevizam e A. F. de Castilho. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

WEEDA, Leendert. *Vergil's political commentary in the “Eclogues”, “Georgics” and “Aeneid”*. Berlin/New York: De Gruyter, 2015.

WILKINSON, Lancelot Patrick. *The Georgics of Virgil: a critical survey*. Norman: Oklahoma University Press, 1997.

CRISES AND TRANSFORMATIONS IN VIRGIL'S GEORGICS

ABSTRACT

In this article, we would like to show how crises and changes derived from them can be found in more than one compositional level of Virgil's *Georgics*. Since the “Invocation to gods”, described in Book I of the poem, the young Octavian Augustus is introduced by the poet as being the hope for a restoration to a Rome which was badly shaken by wars. In Book IV of the same work, however, the image of the recovery of the hives, presented by Aristaeus, “echoes” Augustus' deeds and fulfills this same transformational function.

KEYWORDS: crises; transformation; Augustus.

